



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS- DCHT
CAMPUS XXIII- SEABRA- BA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

SAMARA SILVA SANTOS

ESCRITA FEMININA, INVISIBILIDADE E AUTONOMIA: ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE CONTOS A *HISTÓRIA DE UMA HORA*, DE KATE CHOPIN E *O LEGADO*, DE
VIRGINIA WOOLF.

SEABRA

2025

SAMARA SILVA SANTOS

ESCRITA FEMININA, INVISIBILIDADE E AUTONOMIA: ESTUDO COMPARATIVO
ENTRE CONTOS A *HISTÓRIA DE UMA HORA*, DE KATE CHOPIN E *O LEGADO*, DE
VIRGINIA WOOLF.

Monografia apresentada ao curso Letras, Língua
Inglesa e Literaturas da instituição Universidade do
Estado da Bahia- UNEB como requisito parcial para a
obtenção do grau de licenciado em Letras, língua
Inglesa e Literaturas.

Orientador: Professor. Dr. José Carlos Felix

SEABRA

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Inglesa e suas Literaturas.

Aprovado em: 15 de dezembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

JOSE CARLOS FELIX

Data: 13/01/2026 07:13:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Carlos Felix – Orientador

Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Documento assinado digitalmente

RAPHAELLA SILVA PEREIRA DE OLIVEIRA

Data: 13/01/2026 13:59:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Raphaella Silva Pereira de Oliveira

Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Documento assinado digitalmente

MARIA LUA ARAUJO ALBUS

Data: 13/01/2026 12:40:36-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Maria Lua Araujo Albus

Instituto de Estudos da Linguagem – IEL – UNICAMP

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado força para continuar na jornada acadêmica, me dando saúde e suporte emocional para não desistir no meio do caminho.

A mim mesma por não ter desistido mesmo diante das dificuldades da vida.

Agradeço ao meu pai que me enxerga como um orgulho para a família.

Em especial a minha companheira, por sempre ter me apoiado ao longo do meu caminho na universidade, me incentivando a cada passo a passo da minha vida acadêmica.

Ao meu orientador, que genuinamente me acolheu e me escutou quando levei a proposta dos contos, além de ter me orientado nesse processo de realização dessa pesquisa.

A minha mãe que sempre me ajudou e torceu pela minha vitória.

Não há portão, nem fechadura, nem trinco que você consiga colocar na liberdade de minha mente.

Virgínia Woolf.

RESUMO

Pretende-se com esse trabalho de conclusão de curso, realizar uma análise comparativa das personagens femininas entre os contos *A história de uma hora* Kate Chopin e *O legado* de Virgínia Woolf onde busca-se dar foco na observação dos recursos narrativos que foram utilizadas pelas autoras para retratar a invisibilidade das mulheres e personagens Louise e Angela em suas obras. O objetivo central é investigar como ambas as autoras mesmo em contextos históricos distintos dos séculos XIX e XX representavam a subjetividade e a invisibilidade dessas mulheres em seus contos, afim de compreender quais as estratégias narrativas foram utilizadas para retratar acerca das limitações impostas às personagens femininas de ambas as obras. A metodologia adotada, consiste em uma leitura comparativa aprofundada dos dois textos literários, aliada à revisão bibliográfica sobre escrita feminina e teoria crítica feminista que sustentam a pesquisa. Como resultados, foi evidenciado como Kate Chopin e Virgínia Woolf anteciparam as discussões relevantes sobre a autonomia, liberdade e luta social feminina pelo espaço na sociedade ao abordar as personagens protagonistas das obras, a conclusão dessa pesquisa aponta para a relevância da literatura utilizada como meio de denúncia.

PALAVRAS- CHAVE: Kate Chopin. Virgínia Woolf. Análise e Crítica.

ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to develop a comparative analysis of the female characters in the short stories *The Story of an Hour* by Kate Chopin and *The Legacy* by Virginia Woolf. The study focuses on examining the narrative strategies employed by both authors to portray the invisibility experienced by the women in their stories, Louise and Angela. The central objective is to investigate how these writers, although situated in distinct historical contexts of the nineteenth and twentieth centuries, represent the subjectivity and erasure of their female protagonists, and to identify which narrative techniques are used to reveal the limitations imposed on these women. The methodology consists of a detailed comparative reading of both literary texts, combined with a bibliographic review on women's writing and feminist critical theory that supports the research. The findings highlight how Kate Chopin and Virginia Woolf anticipated significant discussions on autonomy, freedom, and women's social struggles for space in society through their portrayal of the protagonists. The study concludes by emphasizing the relevance of literature as a means of denunciation and resistance.

KEYWORDS: Kate Chopin. Virginia Woolf. Literary Analysis. Feminist Criticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. Escrita feminina e crítica literária feminista	10
1.1 Conto como forma breve.: Aspectos teóricos	15
1.2 Estudos sobre Kate Chopin e Virgínia Woolf, percursos, contextos e escrita de si	19
2. Apresentação do corpus e recorte analítico – análise comparativa.....	26
2.1 Casamento, subjetividade e invisibilidade feminina.	28
2.2 Autonomia, clausura e espaços de resistência.	31
2.3 Morte, libertação e colapso: os limites da subjetividade feminina.	33
2.4 Voz narrativa, ponto de vista e subjetividade feminina.	35
2.5 Aspectos formais e estilísticos na escrita de Chopin e Woolf.	37
Convergências e divergências: duas rotas de resistência feminina	39
Referências	41

INTRODUÇÃO

A literatura escrita por mulheres durante muito tempo sofreu com a invisibilidade diante de uma sociedade patriarcal, é notório que trata-se de um cenário desafiador para as mulheres, que, ao longo dos séculos, teve que lutar para conquistar o seu espaço social para viver sobre os mesmos direitos que os homens. Entretanto, a partir do surgimento das produções literárias de escrita feminina trazendo a crítica e teorias feministas essa situação vem mudando o cenário social, intelectual e mercadológico literário trazendo mudanças positivas para a vida das mulheres, o que sucedeu para a escrita feminina, a visibilidade tão desejada ao cenário literário feminino que virou palco de temas de importantes reflexões na literatura.

A literatura produzida por mulheres, revela temas centrados sobre a identidade, subjetividade e posição da mulher na sociedade em diferentes períodos históricos. Dessa maneira, propõe-se com esse trabalho realizar uma análise comparativa entre as personagens femininas Louise de *A história de uma hora*, da escritora Kate Chopin e Angela de *O legado*, da escritora Virgínia Woolf cujo objetivo é examinar como as autoras representam a condição feminina das personagens nas obra, serão analisados durante esta monografia como as autoras abordou nas obras temas como: casamento e subjetividade, autonomia e clausura, morte como libertação e colapso, voz narrativa, ponto de vista e subjetividade fragmentada, aspectos formais e estilísticos para retratar acerca da invisibilidade sofrida pelas personagens, além da busca pela autonomia pessoal dessas mulheres.

A escolha dessa temática para esse trabalho, justifica-se pela expressividade de Kate Chopin e Virgínia Woolf no cenário literário feminino e suas contribuições para a escrita feminista pautada para reivindicar a respeito da condição da mulher, elas são escritoras de grande relevância devido aos seus trabalhos de antecipação de questões centrais para a literatura como o pensamento feminista e autonomia, além da relevância das duas narrativas para o cenário literário que visa valorizar trabalhos escritos por mulheres que escrevem sobre outras mulheres. São narrativas impactantes e de imponência para a crítica feminista.

Kate Chopin retrata Louise como uma mulher do século XIX que vive diante das condições de uma sociedade patriarcal vivendo as restrições do casamento e com anseio pela liberdade de viver livre da submissão do seu marido. Enquanto Virginia Woolf, apresenta Angela uma mulher no século XX que vive sobre limitações que eram impostas as mulheres no âmbito social da época o que não as permitiam a liberdade de expressar os seus anseios e sentimentos ao seu marido, ambas narrativas supracitadas, com essas protagonistas retratam

as condições em que as mulheres viviam em suas determinadas épocas, neste caso, entre os séculos XIX e XX.

A realização de uma análise dos dois contos *A história de uma hora* e *O legado* com foco nas protagonistas pretende focalizar principalmente sobre a situação que viviam as personagens perante a seus respectivos casamentos e como as obras trazem a perspectiva da busca da emancipação feminina, a invisibilidade, a importância da escrita feminina como gesto de resistência e a morte, onde busca-se investigar sucintamente e analisar a voz narrativa utilizada pelas autoras para evidenciar sobre a vida dessas mulheres.

1 - ESCRITA FEMININA E CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

Por muito tempo o cenário literário mundial, foi espaço de um domínio masculino cuja grande maioria dos livros eram escritos majoritariamente por homens e destinada a eles, sobretudo, isso acontecia por conta do imaginário literário patriarcal que dominou ao longo dos anos as esferas: sociais, históricas e políticas. As ideias do patriarcado, influenciava muitos pensamentos conservadores, o que acarretou durante a história da humanidade um fator negativo na vida de muitas mulheres, que ao longo dos anos foram marginalizadas e silenciadas, transcendendo a falta de valorização das mulheres também no ramo da literatura, o que fez com que suas obras literárias fosse consideradas inferiores ou incapazes de alcançar o mesmo patamar universitário, literário e intelectual que os escritores homens obtinham no cenário literário.

Diante de uma sociedade as margens do conservadorismo, a escrita feminina viveu diversos desafios em sua trajetória para se chegar no patamar literário que se tem nos dias de hoje, a literatura escrita pelas mulheres, há alguns anos atrás, acontecia diversas exclusões de obras que havia uma escritora mulher, cuja censura que acontecia com mulheres escritoras em épocas passadas, devido ela viver sob o estereótipo de ser um ser frágil, submisso e incapaz de realizar trabalhos assim como os homens, as mulheres eram enxergadas apenas como seres destinados a ocupar os espaços do lar e do cuidado com os filhos, o que as impediam de alcançar espaços privilegiados na sociedade no corpo civil.

Segundo a crítica literária americana Elaine Showalter (1977) há uma dificuldade dos teóricos estudiosos em considerar a literatura de escrita feminina, em razão dos estereótipos de feminilidade que enxerga na literatura escrita por mulheres, uma eterna oposição na estética e biológica o que contrasta sobre os obstáculos que essas escritoras tinham para ter suas obras validadas e aceitas na sociedade.

O cânone ocidental também foi um dos responsáveis pela invisibilidade das obras literárias escritas pelas mulheres, pois destinava-se a tarefa de analisar obras da academia literária afim de medir se os conteúdos presentes nos livros eram dignos de ser lidos e publicados, esse grupo minoritário obtinha a função de escolha das obras e excluía qualquer livro que apresentasse diversidade em diferentes formas de agir ou pensar que não fosse parecido com as suas ideias. O cânone ocidental tinha normas e um conceito de verdade em que se propunha a ideia de que as obras deveriam seguir esse conceito imposto, caso elas apesentassem o contrário, elas eram retiradas e excluídas. A respeito das concepções de verdade, do cânone ocidental Schimdt aponta que:

a literatura “verdadeira” e as “verdades” da literatura em sua função civilizatória, de engrandecimento espiritual e de elevação moral, não comportavam a mulher como sujeito-autora, e as histórias das literaturas, em seus formatos tradicionais, constituem o registro contundente dessa exclusão (SCHIMDT, 2012, p. 66)

Ou seja, em razão do cânone ser constituído majoritariamente por homens brancos e de classe alta, muitas obras principalmente as de autoria feminina, eram excluídas da validação dada por esse padrão além dessas obras, as narrativas de públicos menos favorecidos da sociedade também eram excluídas e impedidas de adentrar o universo mercadológico literário da época.

A crítica literária feminista Virgínia Woolf no livro *Um teto todo seu*, enfatizou a respeito da condição feminina na literatura observando os motivos pelo qual a mulher não se desenvolveu, as mulheres não progrediam em razão delas vivenciarem uma vida centrada nas obrigações familiares do casamento, dos filhos e submissão o que não lhes permitiam a liberdade de escrita. Woolf visa refletir acerca do que a mulher precisa para escrever ficção, de acordo com a autora:

Por que os homens bebiam vinho e as mulheres, água? Por que um sexo era tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tinha a pobreza na ficção? Quais as condições necessárias para a criação de obras de arte? — faziam-se mil perguntas a um só tempo. (WOOLF, 2014, p. 33)

Havia muitas diferenças sociais distintos existentes na época em relação aos homens e as mulheres, os homens obtinham poder social, intelectual e econômico, ao contrário das mulheres que não conseguiram a ascensão econômica durante esses períodos na história da humanidade. Woolf (2014) aponta que ao Revisitar os livros de história, os encontrou abordando a mulher numa posição de direito legítimo dos homens, praticado sem nenhuma vergonha pelas classes altas e baixas ou seja, a mulher era exposta nos livros independente das suas classes sociais, além dessa visão, o casamento era visto não escolhido por afeição da esposa mas sim, por interesses de avareza por parte das famílias.

Ao denunciar a invisibilidade das mulheres, Virgínia Woolf evoca a imaginação do leitor ao abordar uma provocação em sua importante obra “*Um teto todo seu*” a autora faz uma comparação ao enfatizar o que teria sido da irmã de Shakespeare, igualmente talentosa, mas numa situação privada das oportunidades oferecidas ao irmão.

Permitam-me imaginar, já que tão difícil descobrir fatos, o que teria acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos, Judith. (WOOLF, 2014, p. 59)

Judith é descrita como uma mulher imaginativa, maravilhosa, inteligente entretanto, que não foi mandada a escola por isso não teve as mesmas oportunidades de aprender igualmente ao seu irmão, por isso apesar de ser dotada de inteligência pegava livros de vez em quando. Contudo, Judith teve que se casar cedo, viveu infeliz mediante a falta de expectativas positivas em sua vida, o que a levou a suicidar-se.

“É mais ou menos assim que se daria a história, penso eu, se uma mulher na época de Shakespeare tivesse tido a genialidade de Shakespeare.” (WOOLF, 2014, p. 61)

Essa comparação determina as diferenças de vida em relação ao gênero masculino e feminino, uma mulher que viveu durante esse período que nascesse com o dom literário, seria infeliz por não ter tido as mesmas oportunidades do que um homem teria. Woolf (2014, p. 132) retrata sobre a importância de as mulheres terem seu próprio dinheiro e um teto todo seu para que elas têm a liberdade de escrever ficção e sobre tudo o que eles quiserem, dando destaque a importância da intelectualidade feminina para a literatura e para resistência das mulheres para conseguir seu espaço.

Simone de Beauvoir importante nome para a literatura feminista em seu livro intitulado o segundo sexo a experiência vivida, aborda sobre a mulher na sociedade, em sua memorável frase descrita “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (Beauvoir, 2009). Assim, a pensadora e crítica francesa tece uma crítica feminista revolucionária contundente, sobre a identidade feminina ser construída socialmente e culturalmente havendo diferenças entre meninos e meninas perante a sociedade, enquanto os meninos tendem a ter uma criação rigorosa, as meninas já tem uma criação inversa, sendo criada e ensinada desde pequena, a se comportar de maneira obediente, frágil e delicada o que faz a sociedade lhe impor a um papel de ser submissa aos cuidados com a casa, filhos e casamento.

O século XIX foi um período em que as mulheres eram desprovidas de poder em todos os setores sociais, vivendo nessas condições limitadas elas não detinham de oportunidades de ascensão social e imponência na sociedade, acerca da situação das mulheres no século XIX, a respeito da condição feminina durante o século XIX, Bonnici aborda:

Pesquisas mostram que em meados do século XIX grande parte das mulheres inglesas trabalhava fora como domésticas, costureiras, operárias em fábricas ou em fazendas. De modo que o tédio que supostamente marcaria a existência da mulher idealizada pela ideologia vitoriana não consistia, absolutamente, no seu principal problema; era prerrogativa de uma minoria. Nesse sentido, a oposição erigida contra tal ideologia era impelida por, pelo menos, duas razões: uma referente a valores ideológicos, outra à necessidade de sobrevivência. (BONNICI, 2009, p. 221)

Essa invisibilidade vivida pelas mulheres no século XIX foi o que motivou a reivindicação de mulheres pelos seus direitos, o que desencadeou a onda do feminismo nesse século. De acordo com Bonnici (2009) as reivindicações pelo direito da mulher se iniciava no ano de 1850 para pedir os direitos legais e igualitários para as mulheres, uma das reivindicações pedidas era para elas obterem o direito ao voto. Foram esses movimentos reivindicais que trouxeram a esperança para que as mulheres ocupassem os seus espaços de direito na sociedade e graças a esse trabalho, as mulheres se tornaram escritoras de profissão e esse espaço deixou de ser ocupado apenas por homens. Lima em seu livro intitulado *Tear de fios, tecer de mulheres* abordou sobre a presença da mulher como:

A presença das mulheres nas sociedades, suas condições de vida, as representações sobre elas, as lutas travadas e as vitórias alcançadas constituem objeto de interesse dos estudos feministas. Ainda no século XIX, teve início sobretudo, o despertar de uma consciência feminista ou de gênero, promovido por mulheres, ora por meio de manifestos, mobilizações e declarações reivindicativas, ora por representações e análises artísticas ou sociológicas, ousadamente publicadas nos poucos veículos que lhes abriam as portas. Essas mulheres representaram o começo de um percurso traçado pelos estudos feministas, contribuindo para que estes alcançassem o patamar em que se encontram hoje. (LIMA, 2017, p. 18)

O conceito de Genocritica também será importante nesse processo de reconhecimento literário feminino pois propunha um novo modelo de revisão da literatura. Essa nova visão desenvolvida pela escritora Elaine Showalter, visa estudar profundamente a experiência feminina literária dando foco em compreender sobre o que emerge a escrita dessas mulheres focalizando em analisar suas trajetórias individuais e compreendendo suas formas, estilos, tradições e modo de escrita, essa nova visão propunha um analisa as mulheres como exclusividade buscando romper com a visão masculina sobre a escrita feminina sem se submeter aos modelos de análise masculino. A respeito dessa noção, Showalter expressa que:

Enquanto isso, o ginocriticismo, como chamei o estudo da escrita das mulheres em 1979, se desenvolveu para oferecer uma narrativa coerente da

história literária das mulheres. Em relação ao mainstream literário, a escrita das mulheres passou por fases de subordinação, protesto e autonomia, fases conectadas por imagens recorrentes, metáforas, temas e tramas que emergem da experiência social e literária das mulheres, e da leitura de precursores masculinos e femininos. (SHOWALTER, 1977, p. 19)

As escritoras feministas supracitadas ao longo deste trabalho, expuseram em suas obras uma forma de resistência para lutar contra a ordem patriarcal com os ideais do conservadorismo, a resistência na coragem das escritoras em trazer em seus livros, a condição feminina da mulher perante ao seu lugar de direito na sociedade e a condição da mulher escritora. Essa subversão trabalhada pelas autoras feministas pode acontecer em suas narrativas quando elas trabalham com temas como: corpo, casamento, morte além de todos aspectos da experiência da mulher que foi historicamente marginalizados. Segundo Almeida, a escrita de outras mulheres cria a:

[...] a possibilidade de compartilhar experiências semelhantes, que se repetem, tanto nas situações de dificuldades, como nas situações de ousadias entre elas leitoras e escritoras], cria o vínculo, o traço identitário, laço fundamental para a criação de uma linhagem, de uma ancestralidade, onde as mulheres poderão ser modelos afirmativos e importantes para outras mulheres. Apud (ALMEIDA, 2004, p. 31).

A resistência literária é importante porque delega as mulheres um poder de reação em meio à exclusão perante a invisibilidade vivida em não ter suas obras publicadas, validadas e com o mesmo valor mercadológico das obras escritas pelos autores homens. Mas esse movimento de reivindicação organizada pelas mulheres escritoras foi um fator primordial para provocar uma revolução no setor literário.

Sem aquelas pre-cursoras, Jane Austen e as Brontës e George Eliot não teriam tido maior possibilidade de escrever do que teria Shakespeare sem Marlowe, ou Marlowe sem Chaucer, ou Chaucer sem aqueles poetas esquecidos que prepararam o terreno e domaram a selvageria natural da língua. As obras-primas não são frutos isolados e solitários: são o resultado de muitos anos de pensar em conjunto, de um pensar através do corpo das pessoas, de modo que a experiência da massa está por trás da voz isolada. (WOOLF, 2014, p. 82)

Mesmo mediante aos empecilhos impostos a essas mulheres, elas foram importantes pois lutaram pelos seus direitos de liberdade de escrita acarretando severas contribuições para que surgisse um novo olhar sobre a aceitação de obras femininas, tais mulheres supracitadas ao longo desse trabalho, escreveram suas obras em ambientes privados mas mesmo nas suas

condições se dedicaram a escrever em palavras um manifesto pelo anseio de mudança. Woolf (2014) esses livros escritos pelas escritoras podem trazer um tom de rancor, mas apesar disso eles trazem em si uma força intrínseca voltada para uma resistência que força a alteração da visão da autoridade que permeava os livros de autoria feminina.

A crítica feminista, escritoras mulheres e o feminismo, foram portanto, importantes para propor uma revisão dos cânones literários e dos critérios de avaliação de aceitação de obras, foram públicos valorosos que criaram caminhos para que a literatura feminina alcance o mesmo patamar mercadológico e intelectual do que os homens, a escrita utilizada como maneira de resistir no cenário desafiador, busca-se com ela impor a partir das palavras uma forma de resistência, luta e a criatividade de imaginação.

1.1 Conto como forma breve: Aspectos teóricos

O conto é um dos gêneros textuais mais antigos da história da humanidade, tendo em primeiro momento um viés voltado para acontecer de maneira oral e não escrita, cujo objetivo há muitos anos atrás era entreter pessoas, assustar, relatar acontecimentos e preservar memórias culturais, os contos de maneira falada era comuns porque era uma época onde não era comum a ascensão da internet, dessa forma, esse gênero textual era bastante utilizado para a diversão de muitas pessoas. Entretanto, com o passar do tempo, os contos perderam o caráter oral passando a ser escritos, se tornando importantes para o cenário da literatura, visto que se tornaram um dos gêneros mais lidos e que ocupou muito do espaço literário. Esse status influente se manteve até os dias de hoje, dando visibilidade a importantes autores e ao campo literário, quanto a história do conto, de acordo com a escritora Gotlib o gênero conto:

A história do conto, nas suas linhas mais gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando, então, o seu caráter literário. (GOTLIB, 2006, p. 13)

O conto se diferencia dos outros gêneros por ser uma narrativa breve que se caracteriza pela apresentação de narrativas curtas, na qual a focalização dos acontecimentos acontece de maneira limitada, pois os eventos narrados durante a história acontece em um espaço curto de tempo, as narrativas presentes nos contos carregam histórias repletas de epifania, sentimentalismo, simbolismos e metáforas, que encantam os leitores que desfrutam

de uma boa leitura impactante em poucas páginas. Para abordar acerca da definição do gênero conto, Gotlib concede o conto:

O que caracteriza o conto é o seu movimento enquanto uma narrativa através dos tempos. O que houve na sua “história” foi uma mudança de técnica, não uma mudança de estrutura: o conto permanece, pois, com a mesma estrutura do conto antigo; o que muda é a sua técnica. Esta é a proposta, discutível, de A. L. Bader (1945), que se baseia na evolução do modo tradicional para o modo moderno de narrar. Segundo o modo tradicional, a ação e o conflito passam pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução final. Segundo o modo moderno de narrar, a narrativa desmonta este esquema e fragmenta-se numa estrutura invertida. (GOTLIB, 2006, p. 29)

Para ilustrar acerca desse gênero, Júlio Cortázar (2006) no livro *Vasile de Cronópio* durante o capítulo “O contista”, aborda que um aspecto que o conto possui é o de ser breve pois cumpre com o seu propósito, porque o leitor quando ler um conto, ele se sente submisso a aquela leitura, assim como Edgar Allan Poe costumava escrever narrativas curtas em seus contos, pensando em provocar nos leitores um imaginativo ao ler as obras, esses contos costumavam alcançar o objetivo principal. Acerca dessa poética de Poe, Cortázar retrata:

“Tecnicamente, sua teoria do conto segue de perto a doutrina poética: também um conto deve partir da intenção de obter certo efeito, para o qual o autor "inventará os incidentes, combinando-os da maneira que melhor o ajude a conseguir o efeito preconcebido.” (CORTAZAR, 2006, p. 121)

Seguindo essa visão de Poe, o conto visa transmitir mensagens de forma breve cuja história possui a tentativa de causar um único efeito no leitor, para deixá-lo, com uma boa impressão sobre a obra atingindo assim um efeito duradouro, por isso contos tendem a ser inesquecíveis, porque eles carregam esse objetivo de chocar o leitor de alguma forma. Outro aspecto importante para a definição do gênero, é a sua condensação, ela é essencial e se refere a economia de espaço narrativo para que o conto não utilize ideias supérfluas durante a história, a ideia da condensação dos fatos, é manter apenas o que essencial na narrativa, sendo breve para trabalhar melhor os acontecimentos, espaço, tempo e personagens. Gotlib define essa condensação como:

“base diferencial do conto é, pois, a contração: o contista condensa a matéria para apresentar os seus melhores momentos. Pode haver o caso de uma ação longa ser curta no seu modo de narrar, ou então ocorrer o inverso.” (GOTLIB, 2006, p. 64)

A Epifania também tende a aparecer nos contos literários, trata-se de um momento de clareza e compreensão dos fatos por parte da personagem da obra, ela ajuda os personagens da narrativa a ter uma percepção sobre si mesmo, para despertar a vontade os personagens a procurar melhorias positivas para as suas vidas, ou seja, a epifania faz com que eles recebam auxílio para sanar os problemas vividos durante a história. James Joyce descreveu o conceito de epifania como um momento esclarecedor e no seu livro *Stephen Hero* Joyce o descreve como:

[...] quantas vezes passo diante dele, faço-lhe alusões, falo dele, olho-o de relance. Não passa de um artigo no cadastro patrimonial nas ruas de Dublin. De repente, um belo dia, olho-o e vejo-o tal como é: uma epifania. [...] imagine meus olhares sobre esse relógio como experiências de um olho espiritual tentando fixar a própria mirada, através de um preciso foco de luz. No momento em que o foco é ajustado, o objeto é epifanizado. Ora é nesta epifania que reside para mim a terceira qualidade, a qualidade suprema do belo. (JOYCE, 1998, p. 188).

Ela geralmente acontece em contos literários que tende a apresentar uma personagem que vai se deparar com a surpresa ao tê-la, devido esse momento vivido não ser planejado por ela mesma, trata-se de um evento durante a história que vai pegá-la de surpresa sem que ela menos espere, acontecendo nos contos de modo consciente, aparecendo em diversos contextos distintos como em forma de sonho, leitura, diário, objeto, notícia ou até mesmo durante uma conversa esclarecedora.

Outro fator da epifania, é que ela pode causar uma sensação desagradável, o que gera nas personagens uma sensação devastadora devido a consciência pesada causada pelo receio da necessidade de mudança, mudar pode trazer diversas consequências, então normalmente personagem reflete sobre como a sua vida como era antes do ato e a sua possível vida após a epifania. São momentos que também que tende a ser demorados, não acontecendo de imediato dessa maneira, leva-se um tempo até acontecer o momento de reflexão do personagem sobre sua percepção de mundo e seus sentimentos perante a vida que estar levando em sua vida pessoal.

A imaginação da personagem é o que vai levá-la para uma reflexão profunda acerca da sua vida e de seus problemas, o ato de imaginar, é o que vai levá-la ao entendimento do problema pelo qual ela está vivenciando na sua vida e através disso, ela buscará maneiras de solucionar o empecilho pela qual vivencia. A epifania é significativa nos contos, porque ela vai tornar o texto literário impactante, o que soma positivamente para que se atinge o efeito desejado no leitor ao ler a obra literária.

Outro aspecto do conto, é a maneira de como ele se diferencia do romance, há uma diferenciação entre a narrativa curta e o romance, para o escritor Júlio Cortázar:

Para se entender o caráter peculiar do conto, costuma-se compará-lo com o romance, gênero muito mais popular, sobre o qual abundam as preceptísticas. Assinala-se, por exemplo, que o romance se desenvolve no papel, e, portanto, no tempo de leitura, sem outros limites que o esgotamento da matéria romanceada; por sua vez, o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico. (CORTÁZAR, 2006, p. 151)

A narrativa curta se refere a uma escrita de precisão breve, que visa apresentar em poucas páginas, uma história completa com poucos personagens, espaço limitado e escrita com brevidade. Já o romance, busca trabalhar os elementos do conto com maior detalhamento e número de páginas contendo personagens que são mais conflituosos e cheios de altos e baixos, outro fator que diferencia o romance da narrativa curta é o fato do romance apresentar uma ambientação que não se limita a um espaço só, diferente da narrativa curta, onde geralmente o a ambientação se passa em apenas um ambiente. Para abordar sobre a definição do gênero textual romance, Gancho em seu livro intitulado como analisar narrativas aborda que:

É uma narrativa longa, que habitualmente envolve um número considerável de personagens (em relação à novela e ao conto), maior número de conflitos, tempo e espaço mais dilata-dos. Embora haja romances que datem do século XVI (Dom Qui-xote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, por exemplo), esteteipo de narrativa consagrou-se sobretudo a partir do século XIX, assumindo para si o papel de refletir os dilemas, as crises e as representações da sociedade burguesa. (GANCHO, 2006, p. 9)

O gênero literário romance possui uma narrativa mais ampla do que a narrativa curta presentes nos contos, Júlio Cortázar no capítulo alguns aspectos do conto, faz algumas ressalvas acerca do romance, relatando que acontece um embate, entre a narrativa curta e o romance. Cortázar (2006) observa que, enquanto o romance conquista o leitor de modo gradual, “por pontos”, o conto precisa atingir um efeito rápido e contundente, como um “knock-out”.

Essa frase acima ilustra acerca do nível de precisão que uma narrativa curta e o romance tem apesar de ambos gêneros literários tratar de características distintas, segundo Cortázar (2006) o romance tende a causar um efeito acumulador em seus leitores, além de

causar efeitos apaixonantes, ao contrário de um bom conto, que tem a característica de ser incisivo e direto ao ponto desde as primeiras linhas.

Para Wait (2006, p. 13) o gênero romance trouxe uma ideia inovadora que mais reflete a visão individualista, pois a epopeia clássica e renascentista seguia os modelos que eram propostos aos gêneros, coube então ao romance, romper as barreiras do tradicionalismo cuja ideia principal era fidelizar a experiência individual.

O conto literário breve tende a trazer uma ideia inovadora que tem em vista envolver o leitor no universo literário por meio de sua narrativa curta, de acordo com o escritor Júlio Cortázar:

O grande conto breve condensa a obsessão do bicho, é uma presença alucinante que se instala desde as primeiras frases para fascinar o leitor, fazê-la perder contacto com a desbotada realidade que o rodeia, arrasá-lo numa submersão mais intensa e avassaladora. (CORTÁZAR, 2006, p. 231)

Essa brevidade presente no gênero conto, permite com o que o leitor explore uma leitura densa, experimentando estruturas narrativas fascinantes com um condicionamento cronológico limitado, apesar do tempo cronológico curto, há muita intensidade nas histórias que são contadas no conto por razão de sua capacidade literária em transmitir intensidade para impactar o leitor de alguma forma por esse motivo, que os contos são memoráveis. Enquanto o romance, tende a oferecer um tempo maior para a duração da história, o que proporciona um espaço maior para o desenvolvimento dos personagens. No conto, a tensão entre o tempo curto e a intensidade dramática deve existir para que o escritor desenvolva na narrativa momentos de impacto emocional das personagens em um espaço curto de tempo.

O conto é importante para a literatura, porque ele permite ser um espaço de expressão subjetiva que ajuda autores a criar através da brevidade, um lugar de resistência, esse trabalho sucinto presente no gênero textual favorece a abertura de espaços para tratar de temas relevantes na sociedade, no caso da literatura escrita por mulheres, o conto tem importância por abrir espaço para o tratamento de temas como a invisibilidade de mulheres, o casamento, o patriarcado e a condição feminina da mulher perante a sociedade.

Nesse sentido, ao pensar o conto como espaço de brevidade, intensidade e resistência, é possível observar como escritoras do século XIX e início do século XX, como Kate Chopin e Virginia Woolf, utilizaram essa forma para problematizar temas centrais da condição feminina. A seguir destacam-se aspectos biográficos e literários dessas autoras que ajudam a

compreender o lugar de sua escrita no movimento de afirmação da literatura de autoria feminina.

1.2 Estudos sobre Kate Chopin e Virgínia Woolf, percursos, contextos e escrita de si

No dia 8 de Fevereiro de 1850 nasceu na cidade de ST. Louis (Missouri) a escritora Katherine O'Floherty mais conhecida no ramo literário como Kate Chopin, ela foi uma influente escritora feminista americana que escreveu diversas obras literárias importantes para o cenário da literatura de autoria feminina.

Kate Chopin casou-se nova com o comerciante Oscar Chopin, com quem teve seis filhos e viveu durante anos. Entretanto, em meados de 1882 o seu marido falece de maneira rápida e deixa muitas dívidas comerciais para a sua esposa lidar, essa perda prematura do marido e esse processo de dívidas deixadas por ele, gera uma reviravolta inesperada na vida de Chopin que agora se ver responsável por cuidar sozinha dos seus seis filhos além de sustenta-los, sozinha e desamparada ela se ver então sem possibilidades a não ser tentar assumir os negócios do seu esposo, entretanto, era uma época onde a sociedade enxergava o papel de assumir as responsabilidades financeiras do lar apenas para o lado masculino, então a escritora teve que passar por esses obstáculos e resistir as ideias conservadoras da época.

Apesar de seus esforços para tentar sanar as dívidas deixadas pelo esposo, ela não consegue ter uma carreira sucedida lidando com a carreira de comerciante e ela não enxerga outra alternativa a não ser abandonar os negócios do comercio e retornar a morar com a sua mãe para conseguir sustentar seus numerosos filhos.

Essas mudanças na vida da escritora foi o que a encorajou a iniciar o seu processo de escrita, porque a autora vivia um momento deliciado em sua vida pessoal com muitas responsabilidades o que a deixou em um estado de melancolia, por isso, um médico da família preocupado com a situação da escritora a aconselhou a escrever sobre si mesma e sobre as coisas para amenizar o luto vivido, a partir dessa conversa ela inicia uma trajetória de escrita como forma de resistência para não se render à depressão, esse hábito de escrita pertinente, é o que faz a autora perceber o seu dom e sua magnífica escrita literária.

Ela viveu numa época em que era marcada pelo conservadorismo exacerbado, em que o patriarcado era dominante na sociedade, esse fator a motivou Chopin a escrever obras que buscavam questionar esses valores conservadores que dominava a sociedade em que ela vivia, com temas voltados para a condição feminina utilizando uma ironia sutil para retratar a vida das mulheres e a invisibilidade que elas sofriam.

Seus livros, tinha como característica o estilo do regionalismo com um toque de realismo para acatar a vida das mulheres nos Estados Unidos e suas limitações, trazendo à tona sobre as condições femininas em uma época onde as mulheres americanas viviam presas aos homens, sendo dependentes socialmente, emocionalmente e financeiramente, era uma época em que as mulheres sobreviviam as sombras da figura masculina.

Em suas obras, Chopin escrevia sobre mulheres questionadoras que desejavam ter autonomia mesmo diante do conservadorismo, eram mulheres com uma visão ampliada do que se esperava naquela época, elas eram curiosas, questionadoras e imponentes que buscavam alguma maneira, ser livres para ser protagonista de suas próprias histórias e longe de serem aprisionadas a casamentos não saudáveis além do controle masculino sobre elas.

Kate escreveu diversas obras literárias, esses trabalhos foram duramente criticados pela sociedade literária e mercadológica. Dentre essas obras está o romance *O despertar* que se tornou a obra conhecida da escritora, de acordo com Moraes e Alves:

Prova disso está na maioria de seus contos e romances, que receberam muitas críticas devido às posturas que as personagens apresentavam, como, por exemplo, o romance *The Awakening* (1899), traduzido como “*O Despertar*”, que é uma obra ousada e questionadora dos valores das mulheres. As posturas eróticas das personagens foram repudiadas no patriarcalismo. (MORAIS E ALVES, 2012. p. 14)

Durante a escrita dessa obra, Chopin foi ousada em trazer a temática do Adultério, o que foi muito polêmico para os padrões estilísticos da época, em *O despertar* abordava a história de Edna Pontellier uma mulher que tinha filhos e se via presa aos papéis de dona de casa e ao casamento. Ao longo da história, ela começa a ter desejos por outro homem, além dessa temática, *O despertar* retrata temas como o casamento, pois durante a narrativa a personagem tem o despertar de querer se ver livre do matrimônio e terminar o casamento com o seu atual esposo.

Quando foi publicado o livro causou um alvoroço na vida da escritora chegando a ser censurado, por trazer uma mulher como protagonista que rompia os padrões patriarcais impostos a mulher no século XIX. Dessa maneira, suas obras não se rendia a visão limitada que a sociedade tinha da mulher como um ser que vivia apenas para servir ao lar, os filhos e para o casamento, ao contrário, a escritora buscava escrever uma mulher que almejava ser a dona do seu próprio sucesso, batalhando para conseguir a emancipação na sociedade. *O despertar* assim como outras obras de Chopin, buscava trazer um “*despertar*” na vida das personagens para que elas buscassem mudanças autônomas para suas vidas que rompesse com

os padrões esperados na época, ela escrevia sobre mulheres revolucionárias que visava alcançar a sua autonomia.

Adeline Virgínia Stephen mais conhecida mundialmente como Virgínia Woolf nasceu em Londres na Inglaterra no dia 25 de janeiro de 1882 ela foi uma escritora inglesa influente ao abordar em suas obras questões sociais e femininas. Woolf ficou órfã muito cedo, perdeu a sua mãe, e quando o seu pai falece e ela se muda para outro bairro com os dois irmãos, entretanto, um de seus irmãos falecerem, o que deixa a escritora bem abalada psicologicamente.

Virgínia Woolf teve contato com a intelectualidade a partir das visitas dos intelectuais em sua casa e sua familiaridade com os livros, esses encontros com estudiosos a possibilitou empregar em seus textos a sua personalidade forte e o seu anseio por mudanças sociais, na busca pelo direito igualitário para as mulheres, ela dedicava a sua carreira intelectual para dar voz as mulheres oprimidas perante a sociedade e isso a fez publicar livros, contos e artigos que abordam sobre a posição da mulher no meio intelectual e social.

Atuou no grupo Bloomsbury, cujo objetivo era realizar discussões críticas a respeito de normas impostas pela era vitoriana, afim de dialogar sobre assuntos relacionados a arte e a literatura da época, suas idas ao grupo foram importantes pois despertou a sua escrita literária, além disso foi durante as reuniões realizadas pelo grupo que Virginia conheceu o seu marido Leonard Woolf, com quem casou-se e fundou ao lado da escritora a editora Hogart Press. Ela e seu esposo, precisaram criar a editora para publicar suas obras e destinar suas ideias, essa atitude surgiu por conta da exclusão sofrida pela escritora por parte de editoras que não quiseram publicar seus livros e materiais intelectuais, Além de não acatar suas ideias inovadoras.

De acordo com Bloom (2001 p. 415) Woolf é inovadora pela maneira que expressa a sua paixão de maneira intensa, por isso, ninguém desde Hazlitt e Emerson expressava tanto o desejo pela leitura quanto a escritora, Bloom ainda tece elogios a obra *A room of one's own* obra escrita pela autora e considera memorável o trecho do livro que aborda sobre Jane Austen e Shakespeare trechos que o fazem meditar em relação a leitura. Dessa maneira, autora feminista por sua vez, foi importante para a literatura moderna americana devido a sua escrita fluida que fazia críticas severas a ordem patriarcal imposta na sociedade em sua época. Suas obras carregavam questões sociais e existenciais vividas pelas mulheres no ramo literário e na vida cotidiana. Na obra intitulada *Virgínia Woolf and the problem of subject* de Makik Minow-Pinkney são relatadas sobre como a escritora Virgínia Woolf traz questões

tradicionais de identidade, autoria e a noção do sujeito na modernidade. Para Pinkney acerca de Woolf:

Em 1929, quando Woolf pela primeira vez discute completamente mulheres e ficção, ela espera que as melhorias nas condições econômicas e educacionais das mulheres incentivem 'a maior impersonalidade da vida das mulheres' e resultem em 'poesia' na ficção feminina: 'Isso as levará a serem menos absorvidas pelos fatos. (MINOW-PINKNEY, 2010. p. 3)

Nesse sentido, Virginia Woolf constrói em suas narrativas um tom de resistência para causar um ambiente que envolve questões sociais com o desejo pra autonomia vivida pelas personagens, o desejo dela, através da sua escrita literária, é despertar nas mulheres o desejo de trazer melhorias nas condições econômicas, educacionais e sociais, para que elas tenha direito ao seu valor na sociedade e autonomia, além de trazer em suas obras literárias um tom de denúncia. No conto *O legado* (1944) por exemplo que foi publicado pela escritora, a personagem principal da obra deixa um diário misterioso após a sua morte, nesse diário contém uma vida que a personagem vivia que até então é desconhecida pelo seu marido.

Pertencente ao movimento do modernismo literário, sua inserção histórica aconteceu durante o século XX, período onde acontecia diversas guerras mundiais ao longo do mundo além do início de movimentos que surgiam como o modernismo e os movimentos feministas que desenvolvia mudanças sociais na sociedade. Seu estilo de escrita era modernista com um toque de fluxo de consciência, o que se tornou um estilo característico da escritora, o fluxo de consciência era uma técnica autêntica que descrevia os sentimentos dos personagens de forma realista, o que permitia ao leitor ter acesso as percepções psicológicas e as condições íntimas acerca dos pensamentos dos personagens da obra.

A escritora Virgínia Woolf durante o século XX retratou em sua escrita obras literárias cujo objetivo era provocar discussões a respeito das condições da literatura escrita pelas mulheres, suas contribuições para o campo literário feminino são notáveis pelo fato dela tecer críticas as condições em que as escritoras enfrentavam no início de suas carreiras, quando a sua liberdade intelectual era julgada pelas expectativas do patriarcado.

Sua escrita inovadora foi influente para retratar a escrita feminina somada a um lugar de resistência, essa ação literária de escrita permite com que seja rompido a subversão das normas patriarcais. Lucia Osana Zolin quando descreve sobre o movimento mulhero das letras aborda que:

Mulheres que escrevem e se (re)escrevem, registrando posturas políticas, defendendo pontos de vista, salientando as dores que lhes pontuam a (in)existência. Trata-se de uma contundente manifestação contra o silêncio

mento e as interdições do mercado editorial e do campo literário à literatura de mulheres: elas escrevem para resistirem e existirem. (ZOLIN, 2020. p 57)

Desse modo, a escrita de autoria feminina busca reivindicar o espaço das mulheres no campo social, mercadológico, político e literário, são mulheres que escrevem para pontuar a sua existência além das suas angustias perante algumas invisibilidades que elas sofreram ao longo dos séculos, essa manifestação de escrita acerca da escrita feminina possui relação direta com o conto *O legado*, obra da autora Virginia Woolf que apresenta uma personagem que utiliza da sua escrita para registrar a sua resistência silenciosa, em suas escritas no diário, a personagem registra seus pensamentos, suas inquietações, seus desejos e sobretudo uma crítica a sua vida atual presa no papel de uma mulher que vive dentro de um casamento pelo qual a personagem é vista sob a ótica de esposa de um político, ela escreve em seu diário como forma de causar uma ruptura aos pensamentos hegemônicos.

Ainda de acordo com Zolin (2020, p. 59) as vozes e narrativas femininas não tiveram espaço no universo literário canônico, devido o lado masculino ocupar um espaço de voz e uma presença que tinha visibilidade total, dessa forma, o eixo feminino vivia sob a ausência sobrevivendo no esquecimento, por isso as palavras de mulheres não eram transitadas, implicando numa violência simbólica em que elas eram silenciadas.

A escrita como forma de resistência desempenha um papel imprescindível na vida de muitas pessoas, o ato de imprimir em palavras os sentimentos e ideias buscam alcançar o mesmo objetivo que é representar por meio de ideias, pensamentos e conclusões a luta por algo. Geralmente a escrita de resistência, possui o objetivo de dar voz aos grupos oprimidos presentes no corpo civil, devido a escrita tem o poder de alcançar diversas camadas sociais, então a literatura que emerge na forma de resistência visa conseguir resgatar as pessoas para lutar por mudanças sociais desejadas por um povo.

É perceptível que o universo literário silenciava as obras de autoria feminina, o pensamento do patriarcado e o domínio masculino silenciava as vozes de mulheres, Virginia Woolf em suas obras, foi importante porque deu vozes as mulheres em suas narrativas e realizou críticas ao modelo social tradicional que limitava as mulheres a um papel limitado voltado apenas ao lar, Woolf é sinônimo de resistência literária por ser uma mulher que lutou para dar vozes a outras mulheres.

Kate Chopin e Virginia Woolf possuem um modo de escrever parecido, ambas retratam em sua escrita literária personagens femininas que lutam pelo seu espaço na sociedade e buscam seus direitos como mulher. Trata-se de mulheres além do seu tempo que

desafiam os estereótipos acerca do papel da mulher imposto, outro aspecto entre as duas escritoras é o fato delas retratarem em suas narrativas o casamento retratado como forma de prisão mas tratada de maneira sutil e crítica pelas escritoras para denunciar como o casamento poderia ser tóxico para algumas mulheres.

A questão da morte também tende a aparecer na escrita das autoras, mas nos contos essa consequência tende a simbolizar a liberdade das personagens femininas como forma de fuga do casamento das protagonistas, Louise Mallard e Ângela ambas mulheres protagonistas dos contos em análise nesse trabalho, passam pela subjetividade da morte. No caso a notícia da morte do marido no conto de Chopin e a leitura do diário logo após a morte de Ângela no caso de Woolf torna-se um fator libertador na vida das personagens, apesar da fragilidade que a morte carrega, em ambos os contos, ela simboliza a autonomia das personagens.

As autoras utilizam de contos para provocar uma ruptura nos padrões sociais tradicionalistas operando um papel de resistência através das palavras trabalhando com as histórias de mulheres lutadoras que desejam conquistar o seu espaço desejado na sociedade, suas escritas ecoam como forma de resistência, a escrita das autoras protagonizam um espaço de crítica social para fazer o leitor refletir acerca do patriarcado e a maneira de como a mulher era vista na sociedade.

2. APRESENTAÇÃO DO CORPUS E RECORTE ANALÍTICO – ANÁLISE COMPARATIVA

O conto *A história de uma hora* da escritora Kate Chopin publicado no ano de 1894, apresenta um conto breve e condensado com apenas os personagens: Brentley Mallard, o marido da protagonista, Louise Mallard a mulher do homem supostamente falecido, Josephine a irmã da protagonista e Richards que é o amigo pessoal de Brentley.

O enredo gira em torno sobre Louise Mallard, uma mulher que sofre de uma doença cardíaca e que está prestes a receber uma notícia devastadora, Richards descobre a ocorrência de um acidente de trem que constava o nome de Brentley na lista dos mortos, ao saber da notícia, ele e Josephine vão até a casa de Louise para darem a notícia com delicadeza para não afetar a saúde física dela. Ela recebe a notícia, chora e se dirige para o quarto para ficar um tempo sozinha consigo mesma, ao chegar no quarto, ela se deita sob sua poltrona e reflete sobre a sua vida a partir de agora, ela observa a partir da janela a beleza que esconde no mundo exterior, era libertador contemplar a calmaria do barulho da chuva, da rua, além da beleza da música cantada no final da rua.

Através de uma repentina epifania, ela tem uma virada de chave na história o que a faz tomar consciência sobre si mesma e enxergar a morte do marido como um sinônimo de libertação, esse ponto da crucial narrativa serve não apenas como um momento de auto percepção, mas sim como ruptura simbólica, esse despertar da personagem vivido lembra outro trabalho que também foi desenvolvido por Chopin chamado “O despertar” onde também há um despertar da mulher, pois na narrativa esse sentimento também serve como um ato de resistência simbólica pois a personagem também passa pelo despertar da sua própria existência para além do casamento.

Contudo, esse ato de epifania aconteceu de maneira breve, pois infelizmente minutos depois, a sua irmã Josephine retorna insistindo para que ela saia de seu quarto para se sentir melhor, então, Louise levanta se sentindo renovada, todavia, ao descer as escadas com Josephine, seu marido bate à porta da sala sujo e vivo e apesar do esforço de Richards para o esconder de Louise, a verdade aterrorizante vem à tona, Louise o ver Brentley e tem um infarto.

Além disso, outra obra a ser analisada nessa monografia é o conto *O legado* da escritora Virginia Woolf publicado no ano de 1944, essa narrativa é na história da personagem Angela Clandon uma mulher casada com um influente político Chamado Gilbert Clandon. O conto se inicia após a morte de Angela que até o momento parece que aconteceu através de

um atropelamento, Gilbert seu marido está na sua casa analisando os objetos que ela deixou para as pessoas a quem mais amava, por esse motivo ele se depara com um misterioso diário, que pertencia a sua esposa. A narrativa então, passa a se desenvolver através das escritas presentes nesse diário.

Angela deixou em seu diário, escritos referentes aos seus sentimentos e frustrações, o seu ato de escrever, era também uma maneira de resistência, escrever dava autonomia a ela o seu diário não servia como um simples objeto de confissão, pois ele era o pilar de uma voz subterrânea que só tem espaço após a sua morte, Cixous no livro *O riso da medusa* expõe sobre a importância da escrita íntima feminina como espaço de autonomia, ela destaca:

Eu falarei da escrita feminina: do que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre a mulher, e que faça as mulheres virem à escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto o foram de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto – como no mundo, e na história – , por seu próprio movimento. (CIXOUS, 2022, p. 39)

Desse modo, o diário de Angela nesse caso, não é apenas confissão, mas um gesto de afirmação subjetiva e política de uma “voz subterrânea” que só se torna pública após a morte, o texto da autora expõe a importância da escrita feminina e a relevância dessa escrita para Angela e para outras mulheres, pois é na escrita que as mulheres tem o poder de se emancipar, ter voz, além de inspirar outras mulheres, a escrita é uma forma de legado feminino.

Apesar de no começo ela ser uma esposa feliz, que realizava diversas viagens ao lado de Gilbert, o peso de ser uma mulher que se dedicava a ajudar o marido na carreira política fazia ela se questionar acerca do seu casamento e o seu papel como mulher na sociedade, em seu diário, ela escreveu sobre a insatisfação com a vida limitada que vivia ao lado do seu esposo e por isso ela desejava a independência de viver apenas para si mesma, esse sentimento surge através da aproximação dela com pessoas que fugiam do seu padrão social e do seu marido.

Uma das ligações afetivas de Angela era Sissy Milly, uma secretária pessoal e confidente, Sissy havia perdido um irmão e essa morte deixou Angela bem fragilizada por dias, o enredo se desenvolve através do olhar masculino de Gilbert que quanto mais ler o diário, mais vai descobrindo as iniciais de um homem pelo qual Angela chamava de B. M, ele era alguém com quem ela passou a se aproximar e tinha um vínculo afetivo que mantinha em segredo, essa revelação abala o jeito controlador que ele tinha sobre ela, pois ele enfim percebe, que não estava no controle do seu casamento. Ele enfim, liga para Sissy Milly para

descobrir quem é o dono das iniciais do diário e é nesse momento em que ela revela que, B. M era seu irmão pelo qual cometeu suicídio, Gilbert junta os fatos e percebe que na verdade Ângela cometeu suicídio para se juntar ao seu amado.

A escolha por fazer a comparação entre os dois contos, justifica-se por Chopin utilizar o recurso da ironia juntamente com o tempo breve para contar uma história que se alinha entre os limites entre a vida e a morte, essa brevidade é trabalhada com a chegada da notícia da morte do marido até a sua própria morte de Louise, cuja narrativa condensada em poucos minutos revela a emancipação simbólica da personagem, todavia, ao final do conto a alegria dela dura pouco e ela morre, essa morte trágica revela a impossibilidade da autonomia feminina dentro de uma estrutura patriarcal, a ironia e o tempo breve funcionam como um dispositivo de crítica social revelando as dificuldades de sair de um casamento opressor.

Enquanto Woolf já parte para outro ângulo, o diário póstumo é lido sob a visão de Gilbert, o que contrasta com um tom de silêncio já que não há acesso a voz da personagem, nesse sentido, o diário serve como dispositivo narrativo que revela a escrita pessoal de uma mulher insatisfeita com o seu casamento e uma interpretação masculina que tenta dominá-la, o objeto diário aqui, revela-se primordial para que Angela possa ter voz.

Os contos *A história de uma hora* e *O legado* retratam a condição feminina das protagonistas das histórias Louise e Angela, abordando histórias que se cruzam na perspectiva do casamento, autonomia, libertação e a morte de ambas as personagens que acontecem por razões distintas, mas que se complementam de alguma forma.

No conto de Chopin, a morte de Louise foi retratada de uma maneira irônica pois serviu de simbolismo para representar a impossibilidade de viver a autonomia de ser uma mulher que vive com as suas escolhas e não a do marido. Enquanto no conto de Woolf, a morte de Angela simboliza a voz reprimida de uma mulher que só é ouvida pelo marido após a sua morte, o seu protagonismo acontece apenas através de suas escrituras deixadas em seu diário, é interessante como as mortes nos contos, foram acrescentadas pelas autoras para simbolizar a resistência das mulheres e não apenas como fim biológico, isso as tornam histórias inesquecíveis.

2.1 Casamento, subjetividade e invisibilidade feminina

Um aspecto importante para se observar entre ambas narrativas é o fato delas retratarem o casamento, no conto de Chopin, Louise passa a ter pela primeira vez o sentimento de liberdade plena apenas após a notícia da suposta morte de seu marido, mas ela

só experimenta a sua emancipação através epifania breve que ela teve, onde ela teve consciência do que era viver para si mesma e não para o marido, a sua libertação pessoal aconteceu não pela ausência física do marido, mas pela convicção de uma vida fora do regime de submissão simbólica vivida. Como aponta Beauvoir acerca da importância da mulher buscar a sua libertação:

Somente como permanece abstrata e vazia na mulher, esta só poderia assumir-se autenticamente na revolta: é o único caminho aberto aos que não têm a possibilidade de construir o que quer que seja; cumpre-lhes recusar os limites de sua situação e procurar abrir para si os caminhos do futuro; a resignação não passa de uma demissão e de uma fuga; não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação. (BEAUVOIR, 2009, p. 392)

Dessa forma, é através da percepção da situação da futura vida fora do matrimônio que a personagem cria forças para superar o luto e vivenciar a liberdade a que lhe concedeu o acesso a perspectiva de uma nova vida, o conto trabalha com o ponto de vista de que embora a personagem não ter sofrido nenhuma violência física, a violência trabalhada na narrativa é simbólica, isso porque Louise não deseja o mal para o suposto falecido esposo, ela deseja o direito de existir como sujeito pois o casamento a apagava como sujeito mulher e naturalizava a submissão. Vale-se dizer, que o conto foi escrito durante um período histórico marcado ainda pelo patriarcado em que as mulheres precisavam das permissões dos maridos para algumas coisas, por isso, Louise ansiava pela necessidade de ser dona do seu próprio destino e escolhas isso fica evidente no trecho.

Durante os próximos anos não teria que dedicar a sua vida a ninguém; viveria para si mesma. Não teria que se curvar diante de um poder maior do que o seu, naquele jogo cego e persistente no qual homens e mulheres acreditam ter o direito de impor suas vontades a uma outra pessoa. Embalada por aquele momento de iluminação, ela podia enxergar, claramente, que as melhores ou as piores intenções não tornavam tal ato mais ou menos criminoso. (CHOPIN, 1894, p, 3)

Através desse trecho, percebe-se que Louise gostaria de dedicar a sua vida apenas a si mesma, a narrativa também aponta para uma submissão dela pelo seu marido Brentley, Chopin colocou esse detalhe sutilmente para demonstrar o quanto o casamento de Louise não estava fazendo bem para si mesma, era uma época em que os homens queriam impor as suas vontades as suas esposas, outro aspecto a ser observado na obra que é colocado por Chopin para escancarar essa submissão é o fato da protagonista ser chamada no começo do conto apenas como Sra Mallard e não como Louise.

Assim como no excerto “Como a Sra. Mallard sofria do coração, foi com extremo cuidado e delicadeza que lhe disseram que o marido havia morrido.” (CHOPIN, 1894, p. 1) aqui ela em seu casamento é apresentada apenas com o seu sobrenome esse detalhe sutil já demonstra a invisibilidade que Louise sofria em seu casamento, pois ela só é chamada realmente pelo o seu nome quando ela passa pela sua rápida viuvez, como pode-se perceber diante da passagem literária “Louise, abra a porta! Eu lhe imploro, abra a porta.” (CHOPIN, 1894, p. 4) esse detalhe sutil simboliza o reconhecimento da identidade de Louise após a morte do seu marido, Woolf no livro *Um teto todo seu* problematiza a necessidade das mulheres escreverem com a sua própria voz de acordo ela “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção;” (WOOLF, 2014, p. 8) assim, o gesto de Louise ser nomeada passa a ser um ato político, pois ele determina quem tem ou não o direito de existir discursivamente.

Em *o legado*, o casamento é visto como sinônimo de manipulação, pois Angela vive a opressão do casamento quando assumi para si mesma os deveres que uma mulher de um importante político deve ter, assim fica explícito diante do excerto “Pois Angela tinha sua cota das obrigações inerentes à condição de esposa de um destacado político. Fora ela quem mais o ajudara na carreira” (WOOLF, 1944, p. 409) esse aspecto da vida de Angela por ser esposa de um homem poderoso e ajudá-lo, era um gesto de ajuda, mas que não tinha o protagonismo que o seu marido tinha pois apesar dela ter a dedicação exclusiva a ele, o reconhecimento e status social de destaque sempre ia para os homens, além disso, a perspectiva nesse viés é destinada ao silenciamento pois Angela após a sua morte deixa para o seu marido um diário onde expõe as suas ideias, indagações e o amor que sentiu por B.M. Ângela enquanto estava viva, ela não tinha o direito de se expressar, por isso ela só tem voz após a sua morte.

Entretanto, embora esses contos literários dão espaço para apontar sobre a opressão vivida pelas personagens em seus respectivos casamentos, eles também abrem espaço a agência feminina reivindicar o seu espaço social, no conto de Chopin, isso é expresso a partir do momento em que Louise desfruta brevemente a sensação da liberdade, o que lhe permite sair de um papel de submissão como esposa do século XIX mostrando que mulheres não devem se reduzir apenas ao papel de esposa e do lar. Enquanto na narrativa de Woolf, para Angela a agência feminina acontece por meio da sua escrita no diário, a partir do momento que ela coloca na escrita o seu poder idealizador feminino, esse ato corajoso da personagem quebra as expectativas do seu marido sobre ela de uma esposa dedicada, submissa e perfeita, mostrando que a mulheres merecem ter voz no cenário social. Pois quando estava viva era

limitada a um papel invisibilidade e é apenas após a sua morte que ela adquire repercussão, esse contraste entre voz e silêncio é um dos pontos mais fortes em Woolf.

Ambas histórias retratam sobre duas mulheres que sofreram com o apagamento de sua individualidade e que vivem pelo anseio de ter a sua própria autonomia, sem o comando dos maridos sobre a sua trajetória. As autoras de ambos os contos foram à frente do seu tempo pois, falaram sobre a emancipação da mulher e da autonomia desejadas pelas mulheres.

2.2 Autonomia, clausura e espaços de resistência

Em *A história de uma hora*, a casa em que Louise mora pode representar uma forma de aprisionamento que a personagem vive durante a sua vida de casada, pois o cenário onde a história se passa é justamente no lar em que ela vive com Brentley além dos eventos acontecer no interior da casa e não fora dela. Vale ressaltar, que o momento em que a epifania aconteceu no quarto onde ela vivia o seu luto temporário, assim como aponta no trecho “subiu para o seu quarto. Queria ficar sozinha; pediu que ninguém a seguisse.” (CHOPIN, 1894, p. 1) trata-se de um local fechado que remete ao estado social e psicológico em que a personagem vivia.

Quando Louise se dirige para o seu quarto ao receber a notícia da morte do seu marido, esse ambiente de recolhimento baseado nas ideias de Bachelard pode ser interpretado como um lugar de segurança e conexão interior, conforme afirma o filósofo francês “A casa é o nosso canto do mundo ela é, como diz frequentemente nosso primeiro universo” (BACHERLARD, 1993, p. 200) ou seja, esse ambiente deveria trazer conforto a personagem, no entanto, esse refúgio pode ser também uma prisão, pois o ambiente doméstico pode funcionar como um limite simbólico imposto a mulher. Para abordar a respeito desse limite imposto e sobre a “casa prisão” Gilbert e Gubar expressam que Literalmente confinadas à casa, figurativamente confinadas a um único “lugar”, encerradas em salas de estar e envoltas em textos, aprisionadas em cozinhas e consagradas em estrofes, as mulheres artistas naturalmente se viram descrevendo interiores sombrios e confundindo a sensação de estarem confinadas ao lar com sua rebeldia contra o dever de servidão. (GILBERT, GUBAR, 1984. p. 85) esse trecho simboliza que a casa pode ser vista como simbolismo dos papéis para a mulher como esposa e do lar, assim Chopin quando insere a personagem Louise na casa, ela evidencia as prisões sociais que delimita o papel da mulher dentro da ordem patriarcal.

Diferente da personagem Louise que vive a clausura física no seu lar, em *o legado*, a protagonista também vive a clausura do seu casamento mas de maneira mais sutil, Angela vive uma clausura simbólica, o seu aprisionamento já é psicológico e social, em que sua

prisão literalmente está ligada ao olhar masculino de Gilbert o que a torna limitada o tempo todo, sendo vista e lida através da perspectiva de um olhar patriarcal que a reduz a um papel de esposa perfeita, dedicada e fiel, mas para Ângela, faltava um fator principal em seu casamento com o importante político, a atenção como esposa, trata-se de um detalhe que a faz lamentar o fato de não ter tido filhos com ele e a maneira de como ele não se importou com essa vontade de sua companheira.

E ela, é claro, foi ficando cada vez mais sozinha, visivelmente muito pesarosa por não terem tido filhos." Como eu gostaria", dizia uma passagem, "que Gilbert tivesse um filho!". Ele, por estranho que fosse, nunca o lamentara tanto. (WOOLF, 1944, p. 411)

Dessa forma, o casamento dela é utilizado como clausura pois até mesmo as suas vontades pessoais não eram aclamadas pelo seu esposo, além disso, ela precisou pedir Gilbert para trabalhar e ele concebeu o pedido, entretanto, ainda tinha algumas atitudes questionáveis assim como fica evidente na passagem "Lembrou-se de como ele detestava as roupas que nessas ocasiões ela usava. Mas parecia também que ela havia tomado a coisa muito a sério. (WOOLF, 1944, p. 412) ou seja, ele havia recebido a ideia de permissão dela trabalhar como voluntária, mas essa decisão tomada por ela, as vezes não era totalmente aceita por ele, pois até as roupas que ela usava nas ocasiões o incomodava, isso a deixava inquietamente desconfortável e vulnerável.

Esse gesto demonstra que apesar de Angela ter recebido a permissão para trabalhar, ela ainda lida com a vigilância e controle de Gilbert, essa falsa autonomia lida a partir de um olhar dele, demonstra a lógica patriarcal intacta e acerca desse gesto, Beauvoir no livro *O segundo sexo fatos e mitos* descreve como a mulher é tratada como "o outro" como aponta Beauvoir "O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro." (BEAUVOIR, 2009, p. 10) ou seja, o pensamento conservador patriarcal enxerga as mulheres como um ser totalmente dependente do reconhecimento masculino, Beauvoir também aponta que O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas complicitades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro (BEAUVOIR, 2009, p. 15). Desse modo, o texto de Woolf pode ser lido como uma denúncia dessa falsa autonomia, pois Angela ainda vive sob a vigilância e controle de Gilbert mesmo depois dele ter permitido que ela trabalhasse.

2.3 Morte, libertação e colapso: os limites da subjetividade feminina

Acerca dos contos analisados, o ponto central deles é a morte das protagonistas, por isso, ela ocupa um lugar ambivalente pois abre espaço para a libertação pessoal das personagens, esse jogo de duplo sentido utilizado por Chopin e Woolf serve para realizar críticas sutis as condições em que as mulheres viviam em seus casamentos com as submissões e invisibilidade enfrentadas, a morte nas duas narrativas funcionam como um potencial para criar novos sentidos nas vidas de ambas as personagens, elas podem ser vistas como uma insubmissão, esse ato soa como um “não” para causar uma ruptura as ordens patriarcais as quais elas estavam destinadas, para apresentar sobre a importância da escrita feminina e a morte como novo sentido Cixous no livro *O riso da medusa* aborda que “ É preciso matar a falsa mulher que impede a viva de respirar.” (CIXOUS, 2022, p, 38) o que ressalta que a morte de Angela e Louise servirão de libertação para ambas personagens, pois ela foi sentida como alívio para elas.

Em *A história de uma hora*, a personagem recebe a notícia da possível morte de Brentley mas ela tem em um curto espaço de tempo uma epifania que lhe faz enxergar novas possibilidades de vida, entretanto, no final do conto, quando ela descobre que na verdade ele está vivo a sua morte essa epifania é interrompida e ela ironicamente morre.

Na passagem do conto “Quando os médicos chegaram, informaram-lhes que ela havia morrido de ataque do coração – de felicidade fulminante” (CHOPIN, 1894, p. 5) percebe-se que os médicos foram colocados no texto para dar o tom de ironia, Chopin quando impõe essa ironia na história, ela rompe com as expectativas do sentimentalismo oitocentista que esperava um conto que abordasse uma personagem que morresse por amor e não por liberdade, essa inversão faz com que a autora desmonta o ideal feminino romântico e antecipa temas do feminismo moderno. A crítica de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo a experiência vivida*, visa trazer essa perspectiva quando ela aborda a respeito do mito da mulher “feliz” na submissão, de acordo com ela:

o casamento tradicional não convida a mulher a transcender com êle; confina-na na imanência. Ela não pode portanto nada se propor, a não ser construir uma vida equilibrada, em que o presente, prolongando o passado, escape às ameaças do dia seguinte, isto é, precisamente, edificar uma felicidade. Na falta de amor, ela terá pelo marido um sentimento terno e respeitoso chamado amor conjugai; ela encerrará o mundo entre as paredes do lar que será encarregada de administrar; perpetuará a espécie humana através do futuro. (BEAUVOIR, 2009, p. 194)

A crítica de Beauvoir denuncia o mito da mulher feliz na submissão mostrando como a construção cultural tende a mascarar a opressão feminina vivida com a ideia de devoção ao casamento tradicional, Louise rompe com esse padrão de construção cultural quando ela decide escolher pela sua liberdade pessoal, ao invés do amor conjugal, dessa forma, o seu falecimento representa um recurso narrativo que é utilizado por Chopin para trazer uma crítica social, onde a morte não serve na narrativa apenas como um desfecho trágico, mas sim, para abordar a subjetividade feminina de Louise.

Em *o legado*, a narrativa também traz a questão da morte, contudo para Angela ela tende acontecer de maneira mais simbólica, pois é a partir da sua morte, que ela se torna audível na narrativa rompendo as barreiras que ela vivia no seu casamento. A escrita do diário revela que ela sofria com a invisibilidade, isso fica evidente diante do excerto:

Desde que se casaram, ela manteve um diário. Algumas de suas pouquíssimas zangas - já que ele não era capaz de considerá-las brigas- tinham sido por causa desse diário. Quando ele entrava e a encontrava escrevendo, ela sempre o fechava ou encobria com a mão. "Não, não, não", podia ouvi-la ainda a dizer. "Depois que eu morrer - talvez." Ela assim o deixara para ele, como seu legado. Era a única coisa que não haviam partilhado quando ela estava viva. (WOOLF, 1944, p. 408)

Pois percebe-se que Angela colocava os seus sentimentos naquele objeto pois ela não tinha voz em seu próprio casamento, seus desabafos, suas vontades e suas perspectivas de vida não era compartilhadas com o seu marido, isso a fez escrever como forma de resistência, até o hábito de escrever incomodava o seu marido. Mas a morte também simboliza uma permanência simbólica da personagem e o seu legado, que no caso, é o seu diário pelo qual ela se dedicava a escrever, isso fica evidente na passagem:

Ele havia recebido o seu legado. Ela lhe dissera a verdade. Tinha pisado fora da calçada para reunir-se ao amante. Tinha pisado fora da calçada para escapar do marido. (WOOLF, 1944, p. 415)

Woolf quando escreve sobre Angela em *o legado* passa a dar espaço para a importância da escrita como um meio de resistência, o seu legado foi simbólico pois foi o seu ato de escrita feminina e suas escrituras que resistiram mesmo depois da sua morte biológica. Woolf na obra um teto todo seu descreveu sobre a importância das mulheres escreverem para deixar registros que abram caminho para as próximas gerações de mulheres, a autora aborda que:

podem escrever livros sobre viagens e aventuras, sobre pesquisas e estudos, história e geografia, crítica e filosofia e ciência. Assim fazendo, certamente beneficiarão a arte da ficção. Pois os livros têm um jeito de se influenciar mutuamente. (Woolf, 2014, p. 133)

Dessa maneira, a escrita feminina serve para testemunhar uma identidade que foi negada durante anos, por isso, o nome do conto é *o legado* pois seus escritos de Angela no seu diário pessoal foi o seu maior legado, como herança simbólica para além do objeto diário.

2.4 Voz narrativa, ponto de vista e subjetividade feminina

O discurso indireto livre opera no texto pois a voz narrativa de Chopin se funde com o olhar externo em o interior da personagem. De acordo com Genette, no discurso indirecto livre, o narrador assume o discurso da personagem, ou, se se preferir, a personagem fala pela voz do narrador, e as duas instâncias vêm-se então confundidas; no discurso imediato, o narrador dilui-se e a personagem substitui-se-lhe. (GENETTE, 1976, p. 172-173) esse efeito faz com que haja uma subjetividade diluída, sem inteiramente de Louise, nem inteiramente da narradora, esse recurso utilizado típico do realismo psicológico do século XIX que foca em mostrar e explicar os pensamentos internos dos personagens é o que também antecipa o fluxo de consciência modernista que visa evidenciar os aspectos psicológicos da personagem que é algo que Woolf leva ao extremo ao focar no mundo psicológico de seus personagens dando ênfase as associações livres da mente transparecendo as percepções, sensações e sentimentos dos personagens.

A narração em terceira pessoa abre espaço para que o leitor acesse os sentimentos das personagens através de diversas interpretações e pontos de vista, na narrativa de Chopin, a narração é focada em demonstrar as sensações vividas por Louise através de metáforas, utilizando uma ambientação externa para dizer ao leitor as sensações que ela sentia no momento da epifania vivida, esse detalhe ilustrativo fica evidente a partir do trecho;

Pelo quadrado aberto diante de si, ela podia ver os topos das árvores em alvoroço com a chegada da primavera e da vida nova. Um delicioso aroma de chuva impregnava o ar. Na rua logo abaixo, um mascate anunciava suas mercadorias. Notas de uma música que alguém cantava chegavam, distantes, aos seus ouvidos. Inúmeros pardais gorjeavam nos beirais dos telhados. (CHOPIN, 1894, p. 2)

Esses pequenos detalhes descritivos relatando o que acontecia fora da janela da casa, faz com que os leitores percebam os sentimentos que rodeiam a protagonista, através da

narração em terceira pessoa, nos mostra que o ambiente externo que estava acontecendo fora da janela é o que simboliza a felicidade da personagem em enxergar um futuro sozinha e libertador.

No conto *o legado*, essa voz narrativa já opera de maneira distinta, pois a partir do momento em que o leitor tem contato com a leitura do texto, ele é apresentado a história de Angela a partir do olhar de Gilbert que ler sobre os pensamentos dela através do diário é aí onde a subjetividade aparece, principalmente no trecho: “Rapidamente deu uma olhada em mais páginas, cheias de pequenas trivialidades, das felizes e insignificantes trivialidades cotidianas que constituíam a vida dela.” (WOOLF, 1944, p. 411) isso acontece porque Ângela não possui voz na narrativa em que ela é a protagonista, suas ideias, seus desejos, seus anseios e seus sentimentos são lidos pela leitura atenta de uma perspectiva masculina, quando essa voz narrativa em terceira pessoa se funde com a leitura de Gilbert aparece diversas lacunas que não são respondidas, isso abre brechas para que os leitores interpretem os escritos deixados por Angela para entender os seus sentimentos.

Essa mediação masculina de Gilbert, faz parte de uma estrutura de poder pois Angela é filtrada pelo olhar masculino do seu marido, esse ponto de vista narrativa se conecta com o conceito de Male gaze, esse viés ver o olhar masculino sob uma visão do mundo, Gilbert quando ler o diário e interpreta os pensamentos de Ângela ela está sendo lida sob a sua perspectiva masculina o que a torna Ângela invisibilizada pois ele ler, interpreta e traduz, além disso, esse deslocamento ecoa com o que Woolf denuncia em um texto todo seu quando ela afirma que Em todos esses séculos as mulheres tem servido de espelhos dotados do magico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro do seu tamanho natural (WOOLF, 2014, p. 45) esse excerto reflete sobre a figura do homem duas vezes maior do que é, Woolf ao trazer essa discussão em *O legado* ela crítica a estrutura narrativa patriarcal.

Em *A história de uma hora* o leitor não tem acesso a consciência interna de Louise, mas isso não impede dele compreender o estado emocional dela pois ele tem a oportunidade de vivenciar os sentimentos dela através da descrição de elementos naturais que são utilizados para descrever o turbilhão de emoções que cercava sua vida, essas descrições são vistas através do trecho;

Ela era jovem. As linhas do rosto calmo e agradável denunciavam um quê de repressão e até um certo vigor. Agora, entretanto, os olhos arregalados pareciam embotados. O olhar, capturado por uma daquelas manchas azuis no céu, não mostrava nenhum sinal de raciocínio ponderativo. Pelo contrário, sugeria a suspensão total de pensamento inteligente. (CHOPIN, 1894, p. 2)

Percebe-se que elementos da natureza são intrínsecos aos detalhes físicos da aparência de Louise para contar ao leitor as impressões e sentimentos que ela vivenciava naquele exato momento, mas é exatamente esse distanciamento do interior da personagem, que faz com que a narrativa esteja sujeita a diversos olhares do público leitor, que mesmo lendo esses elementos supracitados conseguem compreender o que ela sentia.

Na narrativa *o legado*, o diário de Angela é visto como o legado dela, é justamente nesse objeto onde ela coloca os seus sentimentos e tem voz na narrativa, servindo como um instrumento de transmissão de sua identidade feminina. Contudo, esse diário é lido a partir do ponto de vista de um homem, esse detalhe sutil faz com que o legado de Angela seja marcado pela opacidade e silêncios, pois os leitores não tem acesso ao diário antes da sua morte, apenas quando ela morre, isso tenciona a ideia de legibilidade da mulher que pode ser interpretado no conto como crítica a negação histórica de voz das mulheres.

Esse distanciamento que permite com que o leitor tenha a liberdade de questionar alguns aspectos que foram lidos, gerando um sentimento de empatia pelas personagens pois são obras que tratam sobre os aprisionamentos de mulheres que passaram pelo desejo de se verem libertas de seus respectivos casamentos, é nesse momento que a ironia trágica dar as caras, pois ela é a responsável por realizar uma crítica sobre a identidade feminina, essa escrita literária feminina faz com que a literatura escrita por mulheres seja tão marcante, essas lacunas que são deixadas ao longo do texto fazem parte de uma estética da fragmentação cujo apresenta uma ruptura linear na história com fragmentos que buscam dar evidencia a experiência feminina silenciada. Assim, a subjetividade não é falha, mas uma maneira de impor a resistência estética e política através de partes que desafiam seus leitores a preencher as lacunas deixadas nos contos, o que permite com que o leitor reflita sobre o imaginário e o que está passando com as personagens durante a história.

2.5 Aspectos formais e estilísticos

Os narradores de ambos os contos são externos, por isso que eles não participam da narrativa como personagens, mas que vê tudo que está acontecendo ao longo da história para relatar sobre os acontecimentos. Esse narrador em terceira pessoa contribui para o distanciamento e olhar crítico do leitor pois esse narrador saberá de todos os acontecimentos da história, todavia, não vai poder compartilhar a respeito de suas impressões e sentimentos, essa voz narrativa distante vai proporcionar ao leitor uma visão ampla sobre as ações dos personagens e tudo o que acontece ao redor dele.

Esse aspecto contribui para o olhar crítico pois o público alvo pode fazer as suas interpretações pessoais acerca da narrativa lida. Em a história de uma hora, Chopin opta por um narrador externo que conduz o leitor a perceber por meio do recurso da ironia e do estilo indireto livre o conflito interno da protagonista Louise o que faz com que haja uma aproximação com a personagem e gera uma empatia com ela, por isso que a mudança repentina sentimental de Louise quando ela sofre pela viuvez repentina e fica alegre com a repentina transição para a alegria por se ver livre do casamento, não necessita de uma explicação narrativa, esse detalhe sutil apresentado por Chopin é estratégico para mostrar a forma estilística e como ela serve a crítica feminista.

Além disso, o tempo nos contos é condensado pois trata-se de contos que são curtos, na *história de uma hora*, o tempo é breve pois ele acontece desde a revelação e das coisas que acontecem em poucos minutos com a personagem, Louise experimenta as melhores sensações de liberdade, “De repente, entendeu que aquele sentimento inédito era a coisa mais forte, mais importante de sua vida! - Livre! Corpo e mente livres! – repetia para si mesma.” (CHOPIN, 1984, p. 4) e ela vive numa intensidade imensa essa felicidade que é estar livre de um casamento em que ela não podia ser livre, mas depois ela tem a revelação que a deixa horrorizada.

Em *O legado*, Woolf trabalha com a ótica do distanciamento para dar destaque a leitura de Gilbert com mediação da voz feminina, esse fato demonstra de maneira simbólica o silenciamento imposto a mulher, essa forma estilística serve á crítica feminista, o tempo acontece mais devagar pois nós conhecemos Angela apenas por trechos de suas escrituras, por isso que são utilizados elipses com frases que mesmo que omite termos, para deixar os leitores entenderem o contexto que está sendo contado na obra, outro aspecto específico do texto de Woolf é o fato dela trabalhar com o fluxo de consciência para exemplificar os sentimentos internos que Angela passava em segredo, ela utiliza no corpo do texto sinais de pontuação como travessões e reticências para indicar que o tempo da narrativa está acontecendo de maneira não linear, pois Angela está morta no conto.

Um fato trabalhado em *a história de uma hora* é o estilo indireto livre que Chopin coloca em sua narrativa, essa fusão da voz do narrador em terceira pessoa para executar os pensamentos de Louise quando se ver livre do seu casamento, esse elemento narrativo dar as caras no momento em que a protagonista se diz na passagem do conto “E ela repetiu, secretamente: “Livre, livre, livre!” (CHOPIN, 1894, p. 3) o que cria um momento de ambivalência, pois Louise experimenta primeiro a liberdade e depois degusta o choque em saber que sua liberdade foi passageira. Mas o que a torna uma narrativa memorável, é ela ter

uma ironia intrínseca no conto, essa ironia aparece para retratar a morte repentina a qual Louise não merecia.

Em *o legado*, essa ironia acontece mais minuciosamente pois ela deixa brechas para que o leitor tenha múltiplas interpretações sobre o porquê Angela não ter o seu direito de voz na narrativa, pelo fato dela está morta e acessarmos seus pensamentos sobre resquícios de escrita, o que sugere ao leitor uma reflexão sobre a posição da mulher na sociedade.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS: DUAS ROTAS DE RESISTÊNCIA FEMININA

Ao longo dessa monografia, foi impulsionado a busca pela articulação da teoria de escrita literária feminina como referencial teórico e análise literária dos contos *A história de uma hora* e *O legado* para analisar a comparação entre os contos e principalmente, as protagonistas deles. As discussões teóricas apresentadas ao longo do primeiro capítulo especialmente nos autores Showalter, Lima, Bonnici, Zolin e Woolf trouxeram sobre a importância da crítica literária feminista para compreender as mulheres que foram historicamente colocadas em situações de subalternidade.

Showalter discute acerca da emergência do despertar de si mesma, além dos estágios que compõe a trajetória da escrita feminina, Lima mostrou acerca da presença das mulheres e suas lutas travadas, Bonnici abordou a perspectiva da invisibilidade da mulher no século XIX e o que desencadeou a onda de feminismo, Zolin revelou sobre a escrita feminina como um espaço de resistências e por fim, Woolf apresentou a defesa de um quarto todo da mulher para construir a sua emancipação pessoal, esses pontos de vistas apresentados pelos autores, se materializam nos contos *A história de uma hora* e *o legado* pois as personagens passaram por momentos de consciência sobre si mesma, embora cada personagem reage de modo distinto, Louise e Angela passaram por momentos de opressão moral e afetiva em seus respectivos casamentos e foi por esse motivo, que essas mulheres buscaram sua resistência mesmo que esse gesto foi marcado pela morte, mesmo que ela foi operada nas narrativas como ruptura simbólica. Foi a impossibilidade de viver dentro de um padrão do patriarcalismo que fez as personagens femininas buscarem um ato radical de liberdade.

Dessa maneira, a crítica feminista visa trabalhar com a perspectiva que em ambas obras a subjetividade feminina emerge como um movimento de consciência da mulher sobre si mesma e resistência as ordens impostas pelo patriarcado, o que mostra que a emancipação

de Louise e Angela, embora interrompida, é vivida como experiência de única libertação possível, ainda que trágica e final. Chopin constrói a liberdade de Louise através da epifania e ironia onde a sua emancipação é vivida em silêncio dentro do seu quarto, onde apesar da brevidade do momento, ele é significativo pois rompe com a ideia de submissa e mostra a possibilidade da personagem viver para si mesma. Enquanto Woolf, trabalha com a voz póstuma de Angela e mostra a escrita íntima feminina como espaço de expressão, o diário escrito por ela serve como uma forma de existir. Assim, Chopin e Woolf confirmam que, a autoria feminina não apenas não apenas fala sobre a opressão, mas cria maneiras simbólicas para dizer o indizível através de uma história literária, são mulheres que escreveram sobre outras mulheres para escrever a resistência na própria forma narrativa.

São contos que trabalham com perspectivas parecidas, que abordam a vida de duas mulheres que compartilham a experiência feminina vivida em um casamento sem liberdade, por isso que são identidades femininas que convivem com a tensão de ter a liberdade individual por viverem sob uma época de expectativas do patriarcado, além de trabalharem com o tema do casamento, identidade feminina, a morte e a busca pela autonomia da mulher que visa sua emancipação no casamento e na sociedade. Em ambos, a morte não simboliza um fim biológico mas sim um fim simbólico.

Mas são narrativas que também se convergem de alguma forma, Kate Chopin quando escreve *A história de uma hora* aposta na experiência sensorial de Louise e na libertação de Louise vivida deitada sob a sua poltrona, enquanto Virginia Woolf aposta em *O legado* uma personagem que vive nas margens da opacidade e que não possui voz numa narrativa cuja ela é protagonista.

O percurso analítico evidencia o diálogo entre forma e política: pois são obras que a partir das escolhas formais como ponto de vista externo com a ironia em Chopin, o tempo acontecendo de maneira breve para demonstrar o tempo psicológico das personagens e o uso da voz mediada e póstuma em Woolf configuram narrativas memoráveis que buscam modos de dizer o indizível dentro das restrições patriarcais, desse modo, a forma literária apresentada pelas autoras nas histórias dos contos servem como também um lugar de resistência, onde o gesto estético inseparável do ato político.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lélia. **Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina. Espéculo: Revista de estudios literários**, Madrid, n. 26, mar./jun. 2004. Disponível em: <https://pendientedemigracion.ucm.es/info/especulo/numero26/linhages.html> >. Acesso em: 06 jun de 2025.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 2009. v. 2.

BONNICI, Thomas. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas** / organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3. ed. rev. e ampliada. Eduem, 2009.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental: Os livros e a escola do tempo** / Harold Bloom. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

CIXOUS, Hélène. **O riso da medusa**. Tradução de Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

CHOPIN, Kate. **A história de uma hora**. Tradução livre/Título original: The Story of an Hour, 1894.

CORTÁZAR, Julio, **Valise de cronópio** / Julio Cortázar; [tradução Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa; organização Haroldo de Campos e Davi Arriguci Jr.]. São Paulo: Perspectiva, 2006. -

GANCHO, Cândida Vilares. **1957-Como analisar narrativas** / Cândida Vilares Gancho. 9.ed. São Paulo, Ática, 2006.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Categorias da narrativa. Maria Alzira Seixo, Lisboa, Arcádia, 1976.)

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. 2nd ed. New Haven; London: Yale University Press, 1984.

GOTLIB, Nádía Battella, 1946-**Teoria do conto** / Nádía Battela Gotlib. 11.ed. São Paulo Ática, 2006.

JOYCE, James. **Retrato do artista quando jovem**. Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Publifolha/Ediouro, 1998.

LIMA, Lilian. **Tear de Fios, tecer de mulheres: o tecido narrativo** de Helena Parente Cunha / Lílian Almeida de Oliveira Lima. Salvador, EDUNEB, 2017.

MINOW-PINKNEY, Makiko. **Virgínia Woolf & the problem of the subject**. Edinburgh University Press, 1987.

MORAIS L.S; ALVES E. R. “**O perfil da mulher como esposa nos contos de Kate Chopin**”. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/2561/35/TCC-Letras-2012-> Arquivo. pdf. Acesso em: 25 jun de 2025

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Cânone, valor e a história da literatura: pensando a autoria feminina como sítio de resistência e intervenção**. El hilo de la fábula: revista del Centro de Estudios Comparados. Santa Fé, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/184829>>. Acesso em: 6 de jun de 2025.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Revised and expanded edition. Princeton: Princeton University Press, 1977.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding / Ian Watt**; tradução Hildegard Feist. São Paulo, companhia das Letras, 2010.

WOOLF, Virgínia. **O legado**. Tradução livre/Título original: The legacy, 1944.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Tinta-da-China Brasil, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Mulherio das Letras: escrever, resistir, existir**. Abriu, 2020.